

CDU 869.0(81).06(091)

CLARA DOS ANJOS: UMA REFLEXÃO SOBRE O STATUS DA MULATA NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Carlos Henrique Gileno

I. O Autor e sua Obra

Filho do tipógrafo João Henriques de Lima Barreto e de Amália Augusta de Lima Barreto, mulata como João Henriques e ex-agregada de uma família importante, os Pereira de Carvalho¹, o romancista carioca Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no dia 13 de maio de 1881.

Oriundo de uma geração que presenciou as lutas republicanas e a consolidação do novo regime, Lima Barreto procurou abranger em seus escritos as principais questões sociais, políticas e culturais do seu tempo. Resgatado na década dos quarenta por Astrojildo Pereira enquanto escritor que possuía uma percepção aguda da cidade do Rio de Janeiro da virada do século, as páginas das suas crônicas, contos e romances estão densamente povoadas tanto pela descrição da paisagem geográfica carioca como pelas pessoas ou grupos que a compunham.

¹ Um dos integrantes mais ilustres da família dos Pereira de Carvalho foi Manuel Feliciano Pereira de Carvalho, considerado o Patriarca da Cirurgia Brasileira. Amália Augusta, mãe de Lima Barreto, era filha de Geraldina Leocádia da Conceição, da segunda geração de escravos da família. Manuel Feliciano, ao perder o seu único filho, tratou os quatro filhos de Geraldina Leocádia – Amália Augusta, Jorge, Carlos e Bernardino – como se fossem seus netos. Sobre esse assunto consultar BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 9-12.

Parece que o romancista conhecia o Rio de Janeiro profundamente, pois quase nenhum tipo social ou recanto da cidade escapava da sua argúcia descritiva (Pereira: 1944; Rónai: 1949; Sevcenko: 1989; Barreto: s.d.).

Do Lima Barreto que descreve desde os subúrbios mais distantes até a “alta elite” de Petrópolis, vemos emergir, em outro contexto analítico, o escritor que estabelece uma postura crítica frente aos padrões literários dominantes em sua época. Nesta seara, Lima Barreto renunciou os sopros da renovação modernista de 1922, pois na sua censura à tradição acadêmica – personificada, por exemplo, no parnasianismo – evidenciou-se a denúncia de uma linguagem que “mistificava” a realidade, já que, para o autor, ela estava presa a uma visão de mundo que voltava o seu olhar apenas para o lado “formal” da literatura, esvaziando as obras dos conflitos sociais engendrados por sua época histórica².

A nossa emotividade literária só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são *pitorescos* e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações. No mais, é *uma continuação do exame de português, uma retórica mais difícil* a se desenvolver por este tema sempre o mesmo: Dona Dulce, moça de Botafogo em Petrópolis, que se casa com o Doutor Frederico. O comendador seu pai não quer, porque o tal Doutor Frederico, apesar de doutor, não tem emprego. Dulce vai à superiora do colégio das irmãs. Esta escreve à mulher do ministro, antiga aluna do colégio, que arranja um emprego para o rapaz. Está acabada a história. É preciso não esquecer que o Frederico é moço pobre, isto é, o pai tem

² Segundo Antonio Arnoni Prado, é importante para a formação do escritor Lima Barreto o exame crítico da linguagem dominante em sua época, pois “a partir das notas e registros do *Diário*, é possível constatar em que medida a preocupação com a linguagem e a contestação dos modelos que a consagram perante a tradição acadêmica foram decisivas para o surgimento do escritor. Na verdade, a visão da retórica e a consciência implícita do *real desfigurado pela linguagem* levam não apenas à resistência antecipada contra a permanência do velho estilo, como também anunciam o mecanismo ideológico responsável pela conversão do academismo em expressão da nova realidade.” – PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976, p. 12, grifos meus. Sobre o mesmo assunto consultar BOSI, Alfredo. *O Pré-Modernismo*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, s.d. BOSI, Alfredo. *As Letras na Primeira República*. In: *História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano (sociedade e instituições – 1889-1930)*. 3. ed. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 297-8.

dinheiro, fazenda ou engenho, mas não pode dar uma mesada grande. *Está aí o grande drama de amor em nossas letras, e o tema de seu ciclo literário.* Quando tu verás, na tua terra um Dostoiévski, um George Eliot, um Tolstói – gigantes destes, em que a força da visão, o ilimitado da criação, *não cedem passo à simpatia pelos humildes, pelos humilhados, pela dor daquelas gentes donde às vezes não vieram – quando?* (Barreto, s.d., p. 67, grifos meus).

O cronista do Rio de Janeiro e o adversário da linguagem academicista construiu um vasto painel da nossa sociedade. Registrou as festas populares e a ameaça que estas sofriam do anseio modernizador de Pereira Passos (Barreto, 1953), a febre do futebol (Broca, 1991, p. 364-9; Barreto, 1953, p. 83-7), o advento do feminismo (Vasconcellos, 1992, p. 255-69), a participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, burocratas, burgueses, militares, agregados, capangas, arrivistas, políticos, imigrantes, literatos, jornalistas, ex-escravos, etc. Assim, notamos no escritor carioca uma intenção febril de narrar todos os aspectos da sociedade republicana: suas mazelas, seus vícios e o seu divórcio dos interesses populares.

Em março de 1897, Lima Barreto ingressou na Escola Politécnica, localizada no Largo São Francisco de Paula. Pretendia tornar-se engenheiro, para satisfazer os desejos de seu pai João Henriques, para quem o futuro romancista deveria ascender socialmente pelo saber, tal como o protagonista do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Entretanto, Lima Barreto era apenas um aluno regular, as ciências exatas não o atraíam a ponto de dedicar-se a elas por inteiro. Preferia ficar horas a fio na Biblioteca Nacional, estudando filosofia nos textos de Kant, Spencer, Comte, Condillac, Condorcet e Le Bon (Barbosa, 1975, p. 76-7).

A militância intelectual e política dentro da Politécnica parecia interessar mais a Lima Barreto que os livros de *Cálculo*. Juntamente com Bastos Tigre colaborou na *Lanterna*, jornal de estudantes universitários que congregava as diversas faculdades da época. Nas suas colaborações, a ironia que o singularizou como escritor recaía sobre alunos e professores (Idem, p. 80-5).

O ambiente da Politécnica não agradava a Lima Barreto³.

³ Sobre esse assunto consultar as anotações de Lima Barreto no Diário Íntimo, em 2 de Julho de 1990. *Lima Barreto, um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993, p. 7-11.

Convivia com pessoas de uma posição superior a sua, o que lhe causava alguns tormentos. Foi nessa faculdade que o autor de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* começou a sentir o peso do preconceito racial.

Quanto ao preconceito de raça, na Escola Politécnica daquele tempo, conta-se um episódio significativo, em que justamente Lima Barreto aparece como uma das personagens. A ser verdadeiro, bastaria para justificar o mal-estar em que vivia o aluno modesto e tímido, desde o momento da sua inscrição no primeiro ano do Curso Geral. O fato é que, ao tomar conhecimento do nome bonito do novo colega – Afonso Henriques de Lima Barreto –, um veterano mal-humorado fizera para o secretário da Escola, Sousa Ferreira, o seguinte comentário:

– Vejam só! Um mulato ter a audácia de usar o nome do rei de Portugal! (Idem, p. 87-8).

O nome Afonso fora dado a Lima Barreto pelas relações de seu pai com o senador monarquista Afonso Celso de Assis Figueiredo (Visconde de Ouro Preto), padrinho de casamento de João Henriques, o qual conhecera o futuro Visconde desde a sua participação como tipógrafo no jornal *A Tribuna Liberal*. É certo que Lima Barreto sofria com o preconceito. Em algumas passagens do seu *Diário Íntimo*, presenciamos várias alusões preconceituosas à sua cor⁴. Entretanto,

⁴ “Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a cousa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. Eles, variada gente simples, insistem em tomar-me como tal, e nisso creio ver um formal desmentido ao professor Broca (de memória). Parece-me que esse homem afirma que a educação embeleza, dá, enfim, outro ar à fisionomia.

Por que então essa gente continua a me querer como contínuo, por quê?

Por que... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia de desgosto e ele far-me-á grande.

Era de perguntar se o Argolo, vestido assim como eu ando, não seria tomado por contínuo; seria; mas quem o tomasse teria razão, mesmo porque ele é branco.

Quando me julgo – nada valho; quando me comparo, sou grande.

Enorme Consolo.” – Anotação de 26 de novembro de 1904. *Lima Barreto, um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*, op. cit., p. 26-7.

“Hoje (6 de novembro) fui à ilha, pagar dívidas de papai (490); paguei-as uma a uma; entretanto, na volta, estava triste; na estação de São Francisco (vim pela Penha), ao embarcar,

o escritor carioca não permaneceria impassível frente ao preconceito racial existente no início do século. A sua formação de romancista e jornalista sempre combaterá impiedosamente o estigma do preconceito presente em nossa vida social.

Em 1902, João Henriques enlouqueceu. Lima Barreto, obrigado a cuidar da família, abandonou o curso da Politécnica e ingressou como amanuense na Secretaria da Guerra. Nesse período, começou a atuar intensamente na imprensa carioca. Em 1903, colaborou na confecção de jornais e revistas, tais como o *Tagarela*, jornal humorístico de Raul Klixto, no semanário *O Diabo* de Bastos Tigre, e desempenhou por alguns meses a função de secretário na *Revista Época*, comandada por Carlos Viana. Em 1904, escreveu a primeira versão de *Clara dos Anjos*, romance que seria publicado apenas em 1922 na revista *O Mundo Literário*.

No ano de 1907, Lima Barreto fundou a revista *Floreal*, que teria uma existência efêmera. Nesta revista, o autor iniciou a publicação de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Em 1909, juntamente com seu amigo Antonio Noronha Santos, o romancista editou um panfleto contra a candidatura do Marechal Hermes da Fonseca à presidência da República, denominado *O Papão – semanário dos bastidores da política, das artes e... das candidaturas*.

O ano de 1910 assinalou o retorno do Exército à esfera da política nacional. Subordinado às oligarquias civis de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, onde o vulto de Pinheiro Machado se destacava, o Exército não voltaria a atuar de forma autônoma na vida política (Fausto, 1985, p 403-26). O candidato dos militares era Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra do ex-presidente Afonso Pena e sobrinho do velho Deodoro da Fonseca. O opositor de Hermes, Rui Barbosa, era o candidato preferido de São Paulo e da Bahia,

me invadiu tão grande melancolia, que resolvi descer à cidade. Que seria? Foi o vinho? Sim, porque tenho observado que o vinho em pequenas doses causa-me melancolia; mas não era o sentimento; era outro, um vazio n' alma, um travo amargo na boca, um escárnio interior. Que seria? Entretanto, eu o quero atribuir ao seguinte:

Na estação, passeava como que me desafiando o C. J. (puto, ladrão e burro) com a esposa ao lado. O idiota tocou-me na tecla sensível, não há negá-lo. Ele dizia com certeza:

– Vê, “seu” negro, você pode me vencer nos concursos, mas nas mulheres, não. Poderás arranjar uma, mesmo branca como a minha, mas não desse talhe aristocrático. Suportei o desafio e mirei-lhe a mulher de alto a baixo e, dentro de alguns anos, espero encontrar-me com ela em alguma casa de alugar cômodos por hora.” – Anotação de 6 de novembro de 1904. Idem, p. 21-2.

oferecendo à campanha de 1909-10 uma reação contra a intervenção do Exército na política. Apesar de Rui Barbosa receber o apoio da oligarquia paulista, a sua plataforma de campanha pautava-se ideologicamente pelas “liberdades públicas”, pela “cultura”, pelas “tradições liberais”, contra o “Brasil inculto, oligárquico e autoritário”.

Lima Barreto não foi um “ruísta” convicto. Nem sequer admirava os “dotes” intelectuais e políticos de Rui Barbosa⁵. Via no baiano ilustre apenas uma candidatura civil contra os militares. Esse era um dos principais motivos do seu apoio à candidatura de Rui. Todo esse clima de agitação política o escritor relatou satiricamente no romance *Numa e a ninfa*, publicado em 1915 no jornal *A Noite*.

Todavia, o conflito político entre os partidários das candidaturas “militar” e “civil” começou a intensificar-se. As agitações populares tomaram as ruas, resultando numa tragédia que ficou conhecida como a *Primavera de Sangue*. Uma passeata aparentemente inofensiva de estudantes foi repreendida pelo General Sousa Aguiar, comandante da Brigada Policial. O protesto dos estudantes contra a repreensão caracterizou-se pelo enterro “simbólico”, que percorreu o centro do Rio de Janeiro, do mencionado comandante. Soldados à paisana, acompanhados de capoeiras famosos, atacaram selvagememente os integrantes do “enterro”, resultando do confronto dois estudantes mortos e alguns feridos (Barbosa, 1975, p. 194-200). Após a derrota de Rui Barbosa à presidência, em setembro de 1910 formou-se o júri para analisar o episódio da morte dos estudantes. Eram catorze réus militares. Lima Barreto participou do júri ativamente, ficando com a fama de ter condenado o principal acusado da chacina, o Tenente e marido da sobrinha de Sousa Aguiar, João Aurélio Lins Wanderley. Há indícios de que a condenação do Tenente prejudicou a carreira de

⁵“Querido Antonio.

Recebi hoje a tua carta e o teu cartão. Vieram no mesmo pacote e chegaram aqui com Anatole France. O Veríssimo, o Medeiros e os insuportáveis estudantes (não estava o Lacerda) consagraram-no a valer. O barão convidou-o a almoçar no Itamarati e a academia deu uma sessão em honra a ele. *O Rui falou, falou com aquela pretensão e aquela falta de visão que lhe são peculiares, durante hora e tanto, tentando fazer críticas à obra do Jérôme Coignard ou Silvestre Bonnard, como quiseres. Disse que era vice-presidente do Senado e se batia pela paz universal (...)* – Carta a Antonio Noronha Santos, que estava residindo em Paris, em 18-5-1909. Lima Barreto, *um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*, op. cit., p. 215-18, grifos meus.

Lima Barreto na Secretaria da Guerra. Percebemos esse fato pela anotação do *Diário Íntimo* de 20 de abril de 1914: “Eu fiz parte do júri de um Wanderley, alferes, e condenei-o. Fui posto no index” (Barreto, 1993, p. 119).

Em janeiro de 1911, Lima Barreto começou a escrever *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, sendo publicado em folhetins pelo *Jornal do Commercio* em agosto do mesmo ano. Considerado o melhor livro de Lima Barreto, o romance narra a “saga” do subsecretário do Arsenal de Guerra, Policarpo Quaresma. Ambientada no período do governo de Floriano Peixoto, a narração desenvolvida pelo escritor carioca assinalou o alicerçamento da República pelo “Marechal de Ferro”, que utilizava a lei marcial, a violência dos florianistas nas ruas e o aniquilamento do direito à oposição política, para “esmagar a oposição interna e consolidar a República ameaçada, cujos cofres haviam sido esvaziados quase por completo pelos sucessivos ministros das finanças” (Needell, 1993, p. 33). De outro lado, como nota Carmem Lúcia de Negreiros Figueiredo, o nacionalismo de Policarpo era embasado pela crença cientificista, “fortemente disseminada no Brasil, a partir do final do século XIX. Somente os parâmetros da ciência positiva poderiam reduzir a realidade a normas, conceitos e informações objetivas, práticas, garantindo ao estudioso o saber acerca dos problemas nacionais, segundo a ótica do personagem (Figueiredo, 1995, p. 61). O autor retrata também no romance o funcionalismo público e o absurdo do saber “livresco” da “nobreza doutoral” (Carvalho, 1973, p. 156-62).

Paralelamente à publicação dos romances, Lima Barreto continuou colaborando na imprensa. No dia 19 de junho de 1914, começou a escrever uma crônica diária no *Correio da Manhã*, jornal que ele caricaturou em 1909 no *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Em julho do mesmo ano, participou da fundação da *Sociedade dos Homens de Letras*. O ano de 1915 assinalou a colaboração do escritor carioca na *Careta* e, em 1916, escreveu artigos no semanário político *A. B. C.*, interrompendo a série de artigos em 1919, quando saiu publicado no semanário um texto contra a raça negra.

Em 1917, ofereceu ao editor Jacinto Ribeiro dos Santos os originais do livro de sátiras *Os Bruzundangas*, que sairia do prelo apenas em dezembro de 1922, um mês após a morte do romancista.

Em agosto do mesmo ano, Lima Barreto realizou a sua primeira tentativa para ingressar na *Academia Brasileira de Letras*, almejando a vaga deixada por Sousa Aguiar. Em 1919 e 1921, tentou entrar novamente na *Academia* nas vagas de Emílio de Meneses e Paulo Barreto (João do Rio). Todas as suas tentativas foram frustradas. Todavia, em abril de 1920, a *Academia* concedeu *menção honrosa* ao livro *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

Em 1922, entregou ao editor Schetino os originais de *Feiras e Mafuás*, falecendo em 1º de novembro do mesmo ano na cidade do Rio de Janeiro, aos 41 anos.

II. Nós não somos nada nessa vida

Ela sorriu, perguntou:

- E no Brasil?

Um horror! Até fizera a corte a uma mulata.

- E por que não te casaste?...

Estava a mangar! Uma mulata!

Eça de Queirós. *O Primo Basílio* (1878). (Diálogo entre Luísa e o seu primo Basílio)

No romance *Clara dos Anjos*, Lima Barreto procura retratar um aspecto do problema do mestiço, tema recorrente em quase toda a sua obra ficcional. Este livro, segundo Lúcia Miguel Pereira, poderia ser parte de um projeto mais amplo do escritor carioca, que teria a intenção de desdobrá-lo em um romance de maior envergadura (Pereira, 1948; Barbosa, 1975, p. 143-5). Com efeito, nas anotações do *Diário Íntimo* (1904), Lima Barreto deixa entrever que o destino de Clara não se encerraria com o abandono do seu algoz, Cassi Jones de Azevedo, tal como aparece no romance terminado em janeiro de 1922 (Barreto, 1993, p. 31-4). Após o desaparecimento do primeiro amante, a protagonista estabeleceria relações com outros homens, terminando, por fim, amasiada com um pedreiro, José Portilho, que envelhecido e não podendo trabalhar obriga Clara a 'lavar' e 'engomar' "para sustentá-lo, e no terreiro da estalagem em que moram ela canta uma trova qualquer em um belo dia de sol" (idem, p. 31).

Em dezembro de 1920, aparece nas livrarias *Histórias e Sonhos*, que contém um conto intitulado *Clara dos Anjos*. Ali os nomes de alguns personagens são outros e algumas circunstâncias também. Por exemplo, o nome de Cassi é Júlio Costa, e apesar do autor traçar o seu retrato com desprezo, ele não o desenha de maneira tão detalhada como fez no romance (Barbosa, 1975, p. 395). Todavia, tanto as anotações do *Diário Íntimo*, quanto o *conto* e o *romance acabado*, não têm por objetivo elucidar o “destino individual” de Clara, mas a tragédia que atinge as pessoas do seu sexo, condição social e cor.

Um fato trivial – não pelos sofrimentos que acarreta, mas pela sua constante repetição, – a história de uma moça pobre e mulata, seduzida por um valdevinos de boa família, impressionou o escritor a ponto de ser por ele várias vezes narrado, sem nunca o satisfazerem inteiramente as interpretações. Só o conto, onde, resumindo o caso, talvez julgasse ter sido menos infiel à emoção profunda que o guiava, teve ânimo de entregar à publicidade; mas não bastou para libertar o criador dessa criatura sem mistério e até, aparentemente, sem maior interesse. Durante pelo menos dezessete anos – de 1904, data da primeira tentativa, até janeiro de 1922, quando terminou a versão que ora se edita – esteve este tema entre as suas cogitações. *É que a desgraça, tão comum, de Clara, se lhe apegara à sensibilidade precisamente por ser comum, por significar menos um destino individual do que uma fatalidade pesando sobre todo um grupo humano* (Pereira, 1948, p. 14, grifos meus).

Podemos dizer que essa “fatalidade” adquire em Lima Barreto um sentido histórico, pois ela se inicia com a colonização. Isto fica claro pela escolha da epígrafe do romance, retirada do livro *Histórias do Brasil*, de João Ribeiro. “Alguns as desposavam [as índias]; outros, quase todos, abusavam da inocência delas, como ainda hoje das mestiças, reduzindo-as por igual a concubinas e escravas”. Logo, o autor coteja a situação das índias seduzidas pelos colonizadores portugueses com a condição das mulheres mestiças do Brasil republicano. Parece ser esse um dos escopos do romance, ou seja, revelar a situação de extrema inferioridade social e o destino inelutável que cerca as moças que tiveram o mesmo nascimento de Clara. Inferioridade e destino que a época de Lima Barreto procurava ampliar

pelo peso do preconceito. Antonio da Silva Marramaque, que anos atrás havia sido freqüentador assíduo das rodas boêmias, chegando a conhecer Paula Nei e Luís Murat, e que na época que transcorre o romance é padrinho de Clara e “contínuo de ministério”, é um personagem que reflete constantemente o problema social de sua afilhada.

Na sua vida, tão agitada e tão variada, ele sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor da afilhada; e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de mulher. A priori, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social (Barreto, s.d., p. 36, grifos meus).

Filha do carteiro Joaquim dos Anjos, natural de Diamantina e que ainda jovem veio para o Rio de Janeiro como ajudante de um engenheiro inglês que fizera “puras e platônicas pesquisas geológicas e mineralógicas” em sua cidade natal, Clara é a única protagonista dos romances barretianos. Como salienta Lúcia Miguel Pereira, “De certa maneira, é a réplica feminina do *Isaías Caminha*, mais incisiva e triste porque, lá, o mulato sempre tem uma vitória, embora pelo preço da renúncia aos ideais da mocidade, e aqui nenhuma compensação se oferece à mulata” (Pereira, 1988, p. 300). Por outro lado, a personalidade de Clara é exígua se a compararmos com as de *Isaías Caminha*, *Gonzaga de Sá* e *Policarpo Quaresma*. Mesmo algumas das personagens femininas dos romances de Lima Barreto superam a “natureza pastosa, amorfa” de Clara⁶. Educada “rigorosamente” pela mãe, D. Engrácia, a protagonista não estabelece contato com o mundo exterior, forjando uma representação distorcida deste.

Clara era de uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que modelassem e fixassem. Seus pais não eram capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E

⁶ Ver, por exemplo, a personagem Olga de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Edgarda de Numa e a ninfa e D. Margarida do romance *Clara dos Anjos*.

ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinha e descantes, entoadas por sestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. O mundo se lhe representava como povoado de suas dúvidas, de queixumes de viola, a suspirar amor. *Na sua cabeça, não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condição e o nosso sexo.* Cada um de nós, por mais humilde que seja, tem que meditar, durante a sua vida, sobre o angustioso mistério da Morte, para poder responder cabalmente, se o tivermos que o fazer, sobre o emprego que demos a nossa existência. *Não havia, em Clara, a representação, já não exata, mas aproximada, de sua individualidade social; e, concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa representação. A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia meditar um instante sobre o seu destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões.* A idade, o sexo e a falsa educação que recebera, tinham muita culpa nisso tudo; mas a sua falta de individualidade não corrigia a sua obliquada visão da vida. Para ela, a oposição que, em casa, se fazia a Cassi, era sem base. Ele tinha feito isto e aquilo; mas – interrogava ela – quem diria que ele fizesse o mesmo em casa de seu pai? (Barreto, s.d., p. 72, grifos meus).

É este o ambiente psicológico que delinea a consciência de Clara e marca as suas ações no interior do romance. Ações essas que estão em constante oposição com a realidade sócio-racial da época de Lima Barreto, já que o livro procura trazer à tona a crítica ao preconceito, *mais precisamente a submissão social que esse preconceito impõe à mulata.* Clara não possui uma idéia transparente sobre a sua situação dentro da sociedade, em parte pela educação que recebera de seus pais. Em certo momento, chega a perceber o “contraste de cor” entre ela e o seu suposto “pretendente”, mas essa percepção não é suficiente para que ela encare essa problemática como um entrave que a impede de ascender em uma sociedade que discrimina as pessoas de sua condição.

Avaliou em algum ressaibo de revolta o procedimento dos pais. O que queriam fazer dela? Deixá-la ficar para ‘tia’ ou

fazê-la freira? E ela precisava casar-se? Era evidente; sua mãe e seu pai tinham, pela força das cousas, que morrer antes dela; e, então, ela ficaria pelo mundo desamparada? Cochichavam que Cassi era isto e era aquilo. Dona Margarida e o padrinho eram os que mais mal falavam dele; que era um devasso, um malvado, um desencaminhador de donzelas e senhoras casadas. Como ele poderia ser tanta cousa ruim, se freqüentava casas de doutores, de coronéis, de políticos? Naturalmente havia nisso muita inveja dos méritos do rapaz, em que ela via senão delicadeza, modéstia e, também, os suspiros e os dengues de violeiro consumado.

Uma dúvida lhe veio; ele era branco; e ela, mulata. Mas que tinha isso? Havia tantos casos... Lembra-se de alguns... E ela estava tão convencida de haver uma paixão sincera no valdevinos, que, ao fazer esse inquérito, já recolhida, ofegava, suspirava, chorava; e os seus seios duros quase estouravam de virgindade e ansiedade de amar (Idem, p. 46, grifos meus).

Como já foi ligeiramente indicado, é Marramaque o pólo oposto da consciência mistificada de Clara. Pode-se dizer que este personagem age como uma voz que procura projetar os augúrios pelos quais passam a gente pobre dos subúrbios, principalmente aquelas que são mulatas.

– Pois, então, você compadre, quer meter semelhante pústula dentro de sua casa? Você não sabe quem é este Cassi? Se o pai não quer saber dele, é porque boa cousa ele não é. Ele não só desonra a família dos outros, como envergonha a própria. As irmãs, que são moças distintas, já podiam estar bem casadas; mas ninguém quer ser cunhado de Cassi. Ele se diz sempre correspondido, que se quer casar, etc., para dar o bote. Quando fica satisfeito, escorrega pelas malhas da justiça e da polícia, e ri-se das pobrezinhas que atirou à desgraça. *Você não vê que, se ele quisesse casar, não escolheria Clara, uma mulatinha pobre, filha de um simples carteiro? Sou teu amigo, Joaquim...* (Idem, p. 80, grifos meus).

Marramaque, juntamente com Leonardo Flores – possível *alter ego* do autor –, é o único personagem do romance que tem pretensões intelectuais. Menos instruído que o mulato Leonardo, “um verdadeiro poeta, que tivera o seu momento de celebridade no Brasil inteiro e cuja influência havia sido grande na geração de poetas que lhe

seguiram”, Marramaque, desde a sua juventude, numa cidadezinha vizinha ao Rio de Janeiro, sonhava em educar-se para fazer versos à moda de Casimiro de Abreu. Vem para a Corte e vive a boêmia carioca, onde discutia literatura e política. Entretanto, transforma-se em um poeta *raté*, embora tivesse uma visão mais “ampla” e “variada” do mundo do que as pessoas com quem ele convivia. Havia militado na pequena imprensa, na qual havia tomado partido a favor do republicanismo e, com maior vigor, da abolição.

Havia, quando rapazola, muitas névoas na sua alma, um diluído desejo de vaziar suas mágoas e os sonhos, no papel, em verso ou fosse como fosse; e um forte sentimento de justiça. O espectro da escravidão, com todo o seu cortejo de infâmias, causava-lhe secretas revoltas (Idem, p. 32, grifos meus).

Esse “espectro” e a sua herança, além de se tornar palpável em Clara, também se materializa no poeta Leonardo Flores. Apesar de ter publicado dez volumes de sucesso, “com os quais todos ganharam dinheiro, menos ele”, Leonardo, devido ao uso excessivo do álcool e “desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não seguir o fio da mais simples conversa”. Pode-se dizer que este personagem encarna as duas principais angústias que perseguiram Lima Barreto por toda a sua tumultuada existência: a mulatice e a loucura. Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) e *Clara dos Anjos*, o primeiro tema é proeminente. No romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911) e no livro de memórias *Cemitério dos Vivos* (1921), o segundo tema tem lugar de destaque⁷. Portanto, Leonardo é um personagem que se

⁷ “Este livro é, em parte, um prolongamento do *Diário Íntimo*. Notadamente o *Diário do Hospício*, nas condições especialíssimas em que foi escrito. Na edição de 1953, formavam uma unidade. Daqui por diante, na atual coleção das ‘Obras Completas de Lima Barreto’, constituem volumes independentes.

O *Cemitério dos Vivos* ficou, assim, dividido em quatro partes: a) *Diário do Hospício* (apontamentos); b) *O Cemitério dos Vivos* (fragmentos); c) ‘Inventário’ (Coleção ‘Limana’), e, finalmente, d) ‘O caso clínico’, reunindo documentos relacionados às internações do escritor no Hospício Nacional de Alienados.

O primeiro capítulo d’*O Cemitério dos Vivos* foi publicado ainda em vida do autor na *Revista Sousa Cruz* (número 29, janeiro de 1921), com o título *As Origens*. Mas Lima Barreto não pôde concluir o romance, que seria talvez a sua obra-prima, cujos fragmentos incorporamos no *Diário do Hospício*, série de apontamentos tomados por ocasião da segunda estada do escritor no sombrio casarão da Praia Vermelha, ou seja, de 25 de dezembro de 1919 a 2 de fevereiro de 1920.” – BARRETO, Lima. *O Cemitério dos Vivos*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, p. 25.

aproxima dos tormentos pessoais de Lima Barreto, e através de suas reflexões tanto a concepção de arte do escritor carioca quanto a sua consciência de “mulato marginalizado” emergem de maneira veemente.

– Pois tu não sabes quem sou eu, quem é Leonardo Flores? Pois tu não sabes que a poesia para mim é a minha dor e é a minha alegria, é a minha própria vida? Pois tu não sabes que tenho sofrido tudo, dores, humilhações, vexames, para atingir o meu ideal? Pois tu não sabes que abandonei todas as honrarias da vida, não dei o conforto que minha mulher merecia, não eduquei convenientemente meus filhos, unicamente para não desviar dos meus propósitos artísticos? *Nasci pobre, nasci mulato, tive uma instrução rudimentar, sozinho completei-a conforme pude; dia e noite lia e relia versos e autores; dia e noite procurava na rudeza aparente das cousas achar a ordem oculta que as ligava, o pensamento que as unia (...)* tudo isso eu fiz com sacrifício de cousas mais proveitosas, não pensando em fortuna, em posição, em respeitabilidade. *Humilharam-me, ridicularizaram-me, e eu, que sou homem de combate, tudo sofri resignadamente.* Meu nome afinal soou, correu todo esse Brasil ingrato e mesquinho; e eu fiquei cada vez mais pobre, a viver de uma aposentadoria miserável, com a cabeça cheia de imagens de ouro e a alma iluminada pela luz imaterial dos espaços celestes. O fulgor do meu ideal me cegou; a vida, quando não me fosse traduzida em poesia, aborrecia-me. Parei sempre no ideal; e se este me rebaixou aos olhos dos homens, por não compreender certos atos desarticulados da minha existência.; entretanto, elevou-me aos meus próprios, perante a minha consciência, porque cumpri o meu dever, executei a minha missão: fui poeta! *Para isto fiz todo o sacrifício. A Arte só ama a quem a ama inteiramente, só e unicamente; e eu precisava amá-la, porque ela representava não só a minha Redenção, mas toda a dos meus irmãos, na mesma dor. Louco?! Haverá cabeça cujo maquinismo impunemente possa resistir a tão inesperados embates, a tão fortes conflitos, a colisões com o meio tão bruscas e imprevistas? Haverá?*

Sim, meu velho Meneses, fui poeta, só poeta! Por isso, nada tenho e nada me deram. Se tivesse feito alambicados jeitosos, colchas de retalhos de seda da China ou do Japão, talvez fosse embaixador ou ministro; mas fiz o que a dor me imaginou e a mágoa me ditou. A saudade escreveu e eu translado, disse Camões; e eu transladei, nos meus versos, a

dor, a mágoa, o sonho que as muitas gerações que resumo escreveram com sangue e lágrimas, no sangue que me corre nas veias. Quem sente isto, meu caro Meneses, pode vender versos? Dize, Meneses!

– Não. Deve sempre assiná-los.

– Pois eu não vendo, passe por que passar. Sofram, sonhem e bebam cachaça, se os quiserem fazer. Isto não será bastante – disse ele com melancolia – *é preciso ter nascido como eu, ter perdido todos os seus irmãos na pobreza e ter um, há vinte anos, atacado da mais estúpida forma de loucura, para os poder fazer.* Isto, porém, ninguém pode obter por sua própria vontade. Bendito seja Deus! (Barreto: s.d.c., p. 69-70, grifos meus).

Esta citação coloca em evidência dois aspectos da arte de escrever caros a Lima Barreto: 1) A Arte entendida como “redenção”, missão, forma de combate; 2) Combate esse que visa desmistificar a “aparência das cousas”, traduzindo, por intermédio da literatura, a condição de pessoas ou grupos que ocupam uma posição subalterna dentro da sociedade. Segundo Sonia Brayner, Lima Barreto vai na esteira daqueles autores que procuraram ressaltar o *caráter sociológico* da literatura, tais como Taine, Brunetièrre, Tolstói e Guyau.

Seguindo essa orientação estética, Lima Barreto defende com ardor a presença da sociedade como elemento gerador e determinante da própria produção artística; em consequência, também para o crítico, seus critérios de valor abrigam elementos inferidos da ambiência social. Para compreender uma obra de arte, segue de perto as recomendações de Taine na *Philosophie de l'art*, que preconiza *‘representar com exatidão o estado geral do espírito e dos costumes do tempo a que pertence. E é a ‘temperatura moral’ do Brasil que Lima Barreto pretende revelar através de enredos e personagens carreadores da problemática da época* (Brayner: 1979, p. 148-9, grifos meus).

Nesse sentido, Lima Barreto procura inserir em seus textos os caracteres essenciais que formam a sociedade da sua época, em que o tema do negro e do mulato – da marginalização e da herança escravocrata secular que pesa sobre eles – figura como peça fundamental para se explicar as contradições que a incipiente “modernidade” brasileira engendrou nos primeiros anos em que a

República foi implantada entre nós. E nessa modernidade recém-instaurada, o *preconceito racial* que atinge a população de cor tem que ser combatido também através da literatura. Esse combate se exprime na voz de Isaías Caminha.

Para ele [Loberant], como para toda gente mais ou menos letrada do Brasil, *os homens e as mulheres do meu nascimento são todos iguais, mais iguais ainda que os cães de suas chácaras*. Os homens são uns malandros, pianistas, parlapatões quando aprendem alguma coisa, fósforos de politicões; *as mulheres (a noção aí é mais simples) são naturalmente fêmeas*.

A indolência mental leva-os a isso e assim também pensava o doutor Loberant. Não tive grande trabalho em o fazer modificar o juízo na parte que me tocava. Mas não me dei por satisfeito. *Percebi que me viam como exceção*; e, tendo sentido que a minha instrução era mais sólida e mais cuidada do que a maioria deles, apesar de todos os seus diplomas e títulos, fiquei animado, como ainda estou, *a contradizer tão malignas e infames opiniões, seja em que terreno for, com obras sentidas e pensadas, que imagino ter por força realizá-las, não pelo talento, que julgo não ser muito grande em mim, mas pela sinceridade da minha revolta que vem do Amor e não do Ódio, como podem supor*.

Cinco capítulos da minha Clara estão na gaveta; o livro há de sair (Barreto: s.d.b., p. 130, grifos meus).

Se Isaías Caminha consegue ascender socialmente e ser visto como “exceção” entre as pessoas de sua origem, Clara – como representante da mulher mulata – será encarada como “naturalmente fêmea” e não conseguirá modificar a sua situação. O “sedutor” Cassi verá nela, como em outras “humildes raparigas”, uma vítima indefesa para as suas aventuras amorosas. Mas aí não é apenas o “caráter individual” de Cassi que será o móvel tanto da sua concepção como da sua conduta. Ele conta, mas será embasado pelo *preconceito racial* que ronda a sociedade brasileira do início do século; preconceito esse que está enraizado também em nossas instituições.

Até ali, ele contava com a benevolência secreta de juizes e delegados, que no íntimo, *julgavam absurdo o casamento dele com as suas vítimas, devido à diferença de educação, de nascimento, de cor, de instrução*. Quanto à segunda e

terceira causa, embora nem sempre se verificasse a segunda, podia-se admitir; mas quanto a duas outras considerações, eram errôneas, porque ele era tão ignorante e tão mal educado como eram, em geral, as humildes raparigas que ele desgraçava irremediavelmente (Barreto: s.d.c., p. 61, grifos meus).

Em verdade, não é apenas a “falta de caráter” de Cassi o único motivo dos seus atos “infames”. Lima Barreto procura representar nesse personagem – ainda que de maneira violenta e caricatural – uma noção que está fortemente arraigada em nossa sociedade. Antípoda de Cassi é o compadre de Gonzaga de Sá.

Havia na sala umas trinta pessoas, mais da metade mulheres. Sobre uma velha cômoda, um lampião mal iluminava; os círios bruxuleavam. Gonzaga de Sá atravessou-a e foi sentar-se perto da sogra do compadre que chorava. Era uma preta retinta, de uma pele macia de veludo. Fiquei em pé, perto da porta da entrada. Havia um silêncio completo, de quando em quando um soluço da pobre mulher quebrava-o lugubrememente. A gratidão devia ser grande. Aquele homem agora morto lhe dera as mais gratas satisfações da sua vida humilde. *Casara com a filha, apoiara com seu prestígio de homem a sua fraqueza de condição de menina, arrebatara-a ao ambiente que cerca as raparigas de cor, dignificara-a, ela, a quem quase todo o conjunto da sociedade, sem excetuar os seus iguais, admitem que o seu destino natural é a prostituição e a mancebia* (Barreto: s.d.a., p. 62, grifos meus).

Portanto, no romance *Clara dos Anjos*, e em passagens de outros livros do autor – *Isaías Caminha* e *Gonzaga de Sá*, como vimos anteriormente – a denúncia barretiana estabelece uma crítica à sociedade que oferece à mulata um *status* marginal, tanto no que se refere à insuficiência de direitos de liberdade quanto aos próprios estereótipos que a sua época veiculava sobre o seu destino, supostamente forjado na “prostituição” e na “mancebia”. Entretanto, Clara não permanecerá indiferente frente à sua posição dentro da sociedade. No final do romance, ela sofrerá um impacto ao ver a sua pungente realidade de mulher mulata, grávida e solteira rejeitada preconceituosamente pela mãe de Cassi, D. Salustiana.

A mãe de Cassi, depois de ouvi-la, pensou um pouco e disse com ar um tanto irônico:

– Que é que a senhora quer que eu faça?

Até ali, Clara não dissera palavra; e Dona Salustiana, mesmo antes de saber que aquela moça era mais uma vítima da libidinagem do filho, quase não a olhava; e, se o fazia, era com evidente desdém. A moça foi notando isso e encheu-se de raiva, de rancor por aquela humilhação por que passava, além de tudo que sofria e havia ainda de sofrer. Ao ouvir a pergunta de Dona Salustiana, não se pôde conter e respondeu como fora de si:

– Que se case comigo.

Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvadez e indignação, demorando a olhar propositadamente. Por fim, expectorou:

– Que é que você diz, sua negra?

Dona Margarida, não dando tempo a que Clara repelisse o insulto, imediatamente, erguendo a voz, falou com energia sobranceira:

– Clara tem razão. O que ela pede é justo; e fique a senhora sabendo que nós aqui estamos para pedir justiça e não para ouvir desaforos.

(...)

– Ora vejam vocês, só! É possível? É possível admitir meu filo casado com esta...

As filhas entrevistaram:

– Que é isto mamãe?

A velha continuou:

– Casado com gente dessa laia... Qual!... Que diria meu avô, Lord Jones, que foi cônsul em Santa Catarina? - que diria ele se visse tal vergonha? Qual! (Barreto: s.d.c., p. 103-4, grifos meus).

Parece que essa situação esboça uma tomada de consciência de sua posição social no espírito de Clara. É com amargura que ela reflete, logo após o encontro:

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. Bem fazia adivinhar isso, seu padrinho! Coitado!

A educação que recebera, de mimos e vigilância, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca de seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente... o bonde veio cheio. Olhou todos aqueles homens e mulheres... *Não haveria talvez entre toda aquela gente de ambos os sexos, que não fosse indiferente à sua desgraça... Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro!* O que era preciso, tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade, como possuía essa varonil D. Margarida, para se defender de Cassis e semelhantes, e *bater-se contra todos os que se opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação social dela, social e moralmente. Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam...*

Chegaram em casa; Joaquim ainda não tinha vindo. Dona Margarida relatou a entrevista, por entre o choro e o soluço da filha e da mãe.

Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:

- Mamãe! Mamãe!

- Que é minha filha?

- *Nós não somos nada nessa vida* (Idem, p. 103-4, grifos meus).

Com efeito, Lima Barreto não se esquivou do seu presente, da sua época, pois encarou de frente a situação do negro, do mulato, do homem livre e pobre destituído de amizades influentes e marginalizado. Assim, podemos considerar o escritor carioca como um dos representantes de uma corrente mais crítica do pensamento brasileiro do início do século XX, pois travou um diálogo com um tipo de pensamento que se embasava num discurso racial e que legitimava a edificação de projetos políticos conservadores, bem como criava hierarquias rígidas entre os homens, “cientificamente” explicadas⁸.

A obra de Lima Barreto denuncia uma sociedade que era apenas formalmente igualitária, e o dogma racial buscava naturalizar

⁸ "Assim, se ao adotar o jargão evolucionista e racial essas elites letradas acabavam assumindo uma espécie de consciência do atraso, também buscavam nele respaldo para redimensionar uma discussão sobre a igualdade entre os homens e, por conseguinte, sobre critérios diferenciados de cidadania." – SCHWARCZ, Lillian Moritz. *O espetáculo das raças: cineastas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 241.

as desigualdades. Com seus ataques violentos aos “donos do poder”, o autor transcendeu a sua época, pois demonstrou os elementos essenciais que comandam a sociedade brasileira, do passado e do presente.

Tanto no poema em prosa de Cruz e Sousa quanto em numerosas passagens ficcionais e críticas de Lima Barreto pode-se admirar a ação de uma inteligência aguda, capaz de afrontar os dogmas do imperialismo racial.

Ambos arrancam das entranhas da própria condição de escritores pobres e marginais uma rara lucidez contra-ideológica. Estava se formando, no período, uma cultura de resistência (estimulada, em Lima Barreto, pelo contacto com grupos anarquistas e socialistas): um ideário que em nada condizia com a visão oficial e amena da República nascente. O Treze de Maio não é uma data apenas entre outras, número neutro, notação cronológica. É o momento crucial de um processo que avança em duas direções. Para fora: o homem negro é expulso de um Brasil *moderno*, cosmético, europeizado. Para dentro: o mesmo homem negro é tangido para os porões do capitalismo nacional, sórdido, brutesco. O senhor liberta-se do escravo e traz ao seu domínio o assalariado, migrante ou não. Não se decretava oficialmente o exílio do ex-cativo, mas este passaria a vivê-lo como um estigma na cor da sua pele (Bosi: 1992, p. 272).

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BARRETO, Lima. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

_____. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

_____. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

_____. *Feiras e Mafuás*. Rio de Janeiro/São Paulo: Mérito, 1953.

_____. *O Cemitério dos Vivos*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. *Lima Barreto, um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993.

BOSI, Alfredo. *O pré-modernismo*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

_____. As Letras na Primeira República. In: HISTÓRIA Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano (sociedade e instituições - 1889-1930). 3. ed. São Paulo: Difel, 1985.

_____. Sob o signo de Cam. In: DIALÉTICA da Colonização. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAYNER, Sônia. Lima Barreto: mostrar ou significar? In: LABIRINTO do espaço romanesco: tradição e renovação da literatura brasileira: 1880-1920. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979.

BROCA, Brito. Lima Barreto e o Esporte. In: NATURALISTAS, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo. Campinas: Ed. da Unicamp, 1991.

CARVALHO, Fernando. *Lima Barreto*. Araraquara: Tese de Livre Docência - Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, 1973.

FAUSTO, Boris. A crise dos anos vinte e a revolução de 30. In: HISTÓRIA Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano, sociedade e instituições (1889-1930). 3. ed. São Paulo: Difel, 1985. v. 2.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PEREIRA, Astrojildo. *Interpretações*. Rio de Janeiro: Ed. Casa do Estudante, 1944.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Prefácio. In: CLARA dos Anjos. Rio de Janeiro; São Paulo: Mérito, 1948.

_____. *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976.

Clara dos Anjos: uma reflexão sobre o status da mulata no Brasil do início do séc. XX

RÓNAI, Paulo. Prefácio. In: VIDA e Morte de M. J. Gonzaga de Sá. Rio de Janeiro/São Paulo: Mérito, 1949.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

VASCONCELLOS, E. Lima Barreto: misógino ou feminista?: uma leitura de suas crônicas. In: CANDIDO, Antonio. et. al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação da Casa de Rui Barbosa, 1992.